ELEIÇÕES / No lançamento da pré-candidatura à Presidência da República pelo PDT, em Brasília, ex-governador do Ceará dispara contra Bolsonaro e Moro, mas alvo principal é o petista, líder das pesquisas de intenção de voto para o pleito de outubro

Ciro Gomes concentra os ataques em Lula

» TAÍSA MEDEIROS

PDT Nacional/Divulgação



Ex-governador do Ceará, Ciro Gomes entrará pela quarta vez na corrida pela Presidência da República

Apesar das pressões para que desistisse da pré-candidatura, o ex-ministro Ciro Gomes entrou no palco da sede do PDT, em Brasília, ao som do jingle da campanha que entoa "a rebeldia da esperança" e foi enfático: "Tão pensando o quê? Isso é pra valer!" A entrada dele na corrida pela Presidência da República foi oficializada após votação do diretório do partido e posterior apresentação do Projeto Nacional de Desenvolvimento.

No discurso e na entrevista coletiva, Ciro disparou ataques ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ao presidente Jair Bolsonaro (PL) e ao também pré-candidato ao Planalto Sergio Moro (Podemos). Os comentários mais contundentes, no entanto, foram destinados ao petista. Ao apresentar as propostas para a retomada da economia, ele disse que o desmonte já vem de tempos. "(Fernando) Collor escancarou a porteira, Fernando Henrique (Cardoso) serviu a mesa e Lula condimentou melhor os pratos. E, depois, distribuiu as migalhas aos pobres", acusou.

Ciro descartou apoiar Lula num eventual segundo turno e frisou ter ajudado o petista em todas as eleições dele. "Mas eu faço uma pergunta humilde: será que existiria Bolsonaro se não fosse a contradição econômica, social e moral do Lula?", questionou. "Para ele, o Brasil é um objeto, e se ele não estiver na eleição, nada presta para o Brasil. Eu não posso ficar de novo sustentando as irresponsabilidades do Lula."

O ex-governador do Ceará relembrou as eleições anteriores, quando foi criticado por sair do país após não avançar para o segundo turno. "Em 2018, Lula impôs uma candidatura mentirosa, todo mundo sabia que era inelegível. Ele mentiu que era candidato, travou a disputa. Até quando nós vamos aguentar isso? Cabresto de lulopetismo nunca mais", declarou.

Ministro da Fazenda no governo Itamar Franco e da Integração Nacional de Lula, Ciro não poupou críticas também a outros pré-candidatos. Ele definiu Bolsonaro como um "boçal, sem história, sem projeto". "Seria nosso destino cair nas mãos de uma direita obscurantista e criminosa, como a de Bolsonaro?", perguntou.

Sobre a candidatura de Moro, Ciro definiu como "esdrúxula" a proposta da criação de uma Corte anticorrupção. "Seria um tribunal de exceção que violaria cláusulas pétreas. Moro faz de tudo para esconder a prova cabal de seu fracasso", disparou.

Na mais recente pesquisa do Ipespe, divulgada em 14 de janeiro, Ciro aparece em quarto lugar, com 7% das intenções de voto. O levantamento indica que ele está tecnicamente empatado com o terceiro, Moro (9%). Na primeira colocação aparece Lula, com 44%, seguido de Bolsonaro, com 24%.

Estratégia

Para Márcio Coimbra, coordenador de pós-graduação da Universidade Mackenzie é inviável que Ciro assuma o posto de terceira via para quebrar a polarização Lula/Bolsonaro. "Ele encontra barreiras para crescer diante da candidatura de Lula. Faz parte de uma via auxiliar do PT, dividindo votos com o ex-presidente. Se fosse para tirar votos de alguém, seria do próprio petista", observou.

Professor de relações institucionais do Ibmec, Eduardo Galvão comentou o slogan da campanha, que classifica o ex-governador como um rebelde. "Existe, hoje, um movimento de anseio e restabelecimento da confiança nos 'políticos profissionais', que sabem o que estão fazendo. Aparentemente, Ciro tenta se posicionar entre os que ainda estão rebeldes com a política, mas que buscam alguém que entenda do assunto", avaliou.

Propostas

Na maior parte do evento, Ciro falou sobre as políticas macroeconômicas. Apesar disso, quando questionado qual seria o carro-chefe da campanha, ressaltou: "Educação". Para a área, a sigla propõe um programa de ensino, trabalho e assistência profissional, com estágios remunerados pelo governo. Outra iniciativa é a criação de escolas de tempo integral "assim como Brizola fez". A figura do fundador do partido é, desde já, pano de fundo para a campanha.

Na economia, o projeto se opõe à "mesma política econômica que há décadas paralisa o país", segundo o pré-candidato. Ciro destacou a urgência de se ajustar os ponteiros das contas públicas. "Sei da importância de um país viver sem inflação. E sei como fazer, sem sacrificar os mais pobres, como tem sido feito", criticou.

O pedetista frisou que o "caminho errado" é o teto de gastos. "A maior fraude já cometida contra o povo brasileiro", definiu. Ele também assegurou que, se eleito, taxará as grandes fortunas, aplicará uma nova estrutura tributária e lutará pela desoneração da produção.

Sobre possíveis alianças, Ciro adiantou que há negociações ocorrendo. "Temos conversado com PSB, PV, Rede, PSD e DEM. Se isso vai se traduzir em apoio eleitoral, Deus é quem sabe", disse.

Mercado de olho em eventual aliança

» TAINÁ ANDRADE
» BERNARDO LIMA*

As declarações em tom conciliador do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e a eventual formação de chapa com o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin (sem partido) para a corrida eleitoral deixaram o mercado financeiro na expectativa. A avaliação é de que a intenção do petista de formar uma frente ampla nas eleições, o que incluiria o centro, seria a indicação de uma postura menos radical.

Na quarta-feira — a despeito de críticas de setores do PT contra uma aliança com o ex-tucano —, Lula foi enfático ao avaliar a eventual união. "Não terei problema algum em fazer chapa com Alckmin para ganhar e governar este país. Só não posso confirmar porque falta definir para qual partido ele vai, ver se o partido vai fazer aliança com o PT", justificou, em entrevista a sites de esquerda. O ex-presidente também argumentou que formar alianças é essencial, pois "não se governa um país sozinho" ou com a visão de apenas um partido. No dia, o dólar teve forte queda, fechando a R$ 5,50 pela primeira vez desde 16 de novembro, e a Bolsa de Valores subiu 1,26%, aos 108.013,47 pontos. Um dos motivos apontados por operadores para os desempenhos seriam as declarações de Lula.

Economista-chefe da Infinity Afset, Jason Vieira explicou que o mercado não é homogêneo, por isso, nem todos os investidores receberam a eventual chapa sem desconfiar. "Agora, ele (Lula) não vai pegar um cenário positivo. Será um fiscal muito ruim, um global muito desafiador, que não vai ter um crescimento absurdo. Se ele começar a fazer excessivas promessas pra plateia dele, matará o efeito Alckmin", avaliou. "Se chegar aqui com os investidores e falar que vai fazer as reformas e, no dia seguinte, fazer tudo ao contrário, as pessoas vão dizer: 'Para quem esse cara está falando?' Se ele começar a equilibrar, falar uma coisa para a plateia e outra coisa em conversas mais privadas, não vai funcionar. Tem de unificar o discurso."

Já o economista gestor da BlueMetrix Ativos, Renan Silva, disse ser precipitado afirmar que a reação positiva do mercado está relacionada às declarações de Lula. "Neste momento, o mercado, talvez, não esteja tão sensível a esse evento político, até porque ainda é muito cedo para apontar o que vai acontecer nas eleições em outubro", argumentou. Para Silva, os resultados positivos foram causados porque agentes do mercado estão antecipando um fluxo de investimentos, neste início de ano, com receio de uma instabilidade econômica que pode ser causada pelas eleições de outubro.

"O mercado sabe que o vice não determina a diretriz econômica do governo. Os mandatos de Lula e Dilma (Rousseff) ficaram marcados por terem uma gestão econômica pró-Estado, o que denota uma certa ineficiência para o mercado", ressaltou.

Para ele, "Alckmin sempre se elegeu com o voto conservador, mas que não vai agregar ao se unir a Lula". "É só para dizer que o extremo é Bolsonaro: 'Eu me juntei com o cara que era o meu inimigo para dizer que não estou no espectro do extremismo, então, confie em mim'. O que isso traz de prática? Acho que não está gerando a confiança que eles achavam que ia produzir", acrescentou.

*** Estagiário sob supervisão de Cida Barbosa**

Ricardo Stuckert/Divulgação



Possível união entre Alckmin e Lula seria uma indicação de postura menos radical do petista

» Freio na queda

Após as duas sessões de queda, o dólar à vista encerrou o pregão de ontem em alta firme, na casa de R$ 5,45. Com pares do real entre divisas emergentes, como o peso mexicano e o rand sul-africano, em rota ascendente, o tombo da moeda brasileira foi atribuído a um movimento natural de correção e realização de lucros. Mesmo assim, caiu 1,05% na semana. Por sua vez, o Ibovespa recuou 0,15%, a 108,9 mil pontos, porém avançou 1,88% na semana.

Nova função para Maia

O governador de São Paulo, João Doria (PSDB), escalou o ex-presidente da Câmara Rodrigo Maia (sem partido-RJ) para ser o coordenador de seu programa de governo para a Presidência da República. O tucano fez o convite na terça-feira, mas divulgou a escolha ontem.

Maia usou as redes sociais para comentar a nova função. "Agradeço a João Doria pelo convite. Os políticos precisam compreender que é muito importante que participemos da construção dos programas dos nossos candidatos", escreveu. "É preciso compreender a realidade de cada área e construir soluções baseadas em dados concretos, em programas que possam, de fato, ser viabilizados, e não em projetos populistas."

O ex-presidente da Câmara ocupa, atualmente, o cargo de secretário estadual de Projetos e Ações Estratégicas do governo paulista. As atribuições dele são dar agilidade a projetos de privatização em curso no estado, firmar parcerias público-privadas e promover leilões de concessão de serviços públicos a empresas privadas.

"A experiência de Rodrigo Maia, seu brilhante desempenho como secretário de Ações Estratégicas e seu traquejo político, além do amplo conhecimento das necessidades do povo brasileiro, são fundamentais para fortalecer nosso projeto", elogiou Doria. (**Cristiane Noberto**)